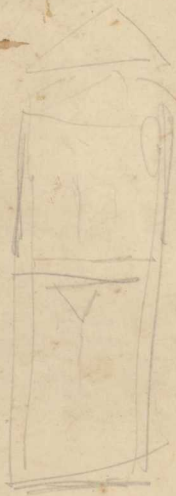
ASAS DE ÍCARO

ADOLFO SIMÕES MÜLLER

DEPOSITÁRIOS

J. RODRIGUES & C.ª

186, R. DO OURO, 188 — LISBOA

Rebate · 7 de Dezembro – 2ª Pag – 1ª col.

ASAS DE ÍCARO

(VERSOS DOS DEZASSEIS ANOS)

ADOLFO SIMÕES MÜLLER

ASAS DE ÍCARO

DEPOSITÁRIOS
J. RORIGUES & C.ª
186, RUA AUREA, 188
LISBOA

Desta edição fez-se uma tiragem especial de cinco exemplares em papel couché, todos numerados e rubricados pelo autor. * * *

Dedicatória

Informação - 29-12-926 - Pag 4 - 3ª Col

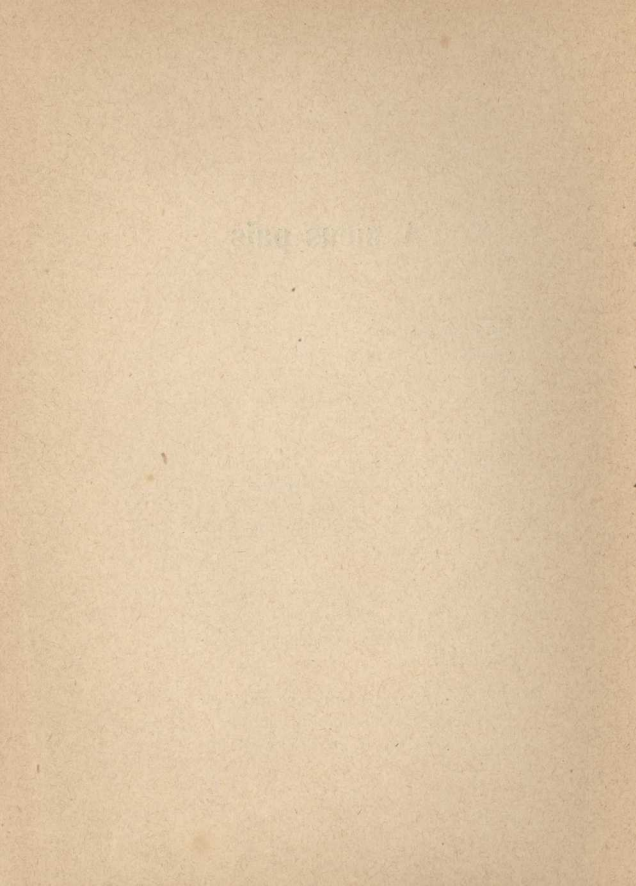
A meus pais

Dá-se na vida tanto beijo, tanto!
E cada beijo tem o seu valor:
Há beijo, pois, que quere dizer amor,
e outros que servem p'ra enxugar o pranto...

Mas o beijo mais límpido e mais santo
— aquele que é de todos o melhor —
não é o beijo que nos mata a dor,
nem o de amor — tam límpido, no entanto!...

Os beijos que afinal nos prendem mais
são êsses que nos dão os nossos pais,
—bocadinhos do céu que andam dispersos!

Em troca, pois, dos beijos que me destes
— a voz do céu por cânticos agrestes —
aí vos dou os meus primeiros versos...

Diario da Tarde - 28-12-926 - 4ª Pag -

Asas de Ícaro

Asas de Ícaro

ÍCARO — não contente com o que era —
quis ser condor, quis percorrer o ar,
quem sabe se talvez para voar,
como a andorinha, atrás da primavera?!

E um dia, numa pálida quimera,
fez umas asas e lá foi cruzar
o espaço, numa ânsia singular,
— e que talvez ninguém jamais tivera!

Mas as asas de cera dêste louco
fôram-se desfazendo, pouco a pouco,
e em breve êle caíu, emfim, por terra...

...Vê agora, meu louco coração,
se estas asas de cera não serão
como as asas do sonho que te encerra!

D. de Tarde 30-12-926 - 4ª Pag. - 4ª Col

Prólogo

Os temas que traduzi
são velhos como o bolor;
cantei tudo o que senti:
— é só êste o meu valor...

O CORAÇÃO é como gota de água
— ou lágrima caída do Além —
e a luz da vida, atravessando-o bem,
vai dar-lhe a côr dos risos e da mágoa.

Tem o meu coração as sete côres:
Ha nêle assim a côr avermelhada
— a côr do sangue e a côr da madrugada —
... e esta côr simboliza os meus amores.

Logo a seguir uma outra côr me invade
num tom de luz que faz sonhar a gente:
É a côr triste e morna do poente
— o alaranjado meigo da saudade...

É o amarelo a côr da natureza
quando a luz se interroga junto ao mar;
é a côr indecisa do luar
— e é, para mim, a côr da incerteza.

É verde a côr do campo que afiança
boa colheita em Maio ou em Agosto,
é verde, emfim, a côr de que eu mais gosto
visto que é verde a côr da minha esp'rança!

O azul do céu, do mar e das canções
tem, para mim, encanto singular,
pois é azul o céu do teu olhar
e azul o mar das minhas ilusões.

Esvai-se o azul e surge o anilado:
tolda-se o mar e nasce a tempestade...
— desfolha-se a ilusão que nos invade
e aparece a tristeza a nosso lado!

É roxa, emfim, a côr da minha Fé
— da crença que me enleva e me seduz —
pois era a côr da chaga de Jesus
e só a chaga convenceu Tomé!
....

Dilúculo... Na treva derradeira
recortava-se o têrmo da subida:
— como seria ali mais bela a vida,
vendo a meus pés a humanidade inteira!

Amanhecera... E tu, meu coração,
começaste a subir essa colina,
levando na alma uma ambição divina
e uma doce esperança por bordão.

E ao pôr do sol, cheiínho já de mágoa,
foste sentar-te à beira dum regato:
— Olhaste... e viste logo o teu retrato
na doce limpidez do veio de água...

Pois como um rio de leve ondulação
reflecte aquilo que em redor existe,
assim êste meu livro — alegre e triste —
reflecte bem meu próprio coração!

Penas sôltas

. . . .
E as minhas penas, brancas como a espuma,
— cansadas de aspirar à luz suprema —
fôram-se então soltando uma por uma...
...Dessas penas nasceu êste poema.

O Comercio — 7 de Janeiro
1ª Pagina

Mentira

A alguém que não sabia
o que era o amor.

TU nunca viste, em noite luminosa,
as estrêlas tremer e vacilar,
e depois, já cansadas, expirar
numa agonia pálida e formosa?

Nunca viste uma nuvem vaporosa
brincar nos céus, em noites de luar,
e nunca viste o vento dissipar
essa nuvem pequena e descuidosa?

. . . O amor é como a bela e viva luz
que, brilhando, nos prende e nos seduz,
mas que depois se apaga enfraquecida.

O amor é como a nuvem delicada,
que desfalece ao sôpro da nortada
— é a mais linda mentira que há na vida. . .

D. da Tarde - 8 de Janeiro
Pag 5 - Col 1

Ainda mais

TENHO saudade — e quem a não tiver,
ou decerto não sabe o que é saudade,
ou, se sabe e não sente, é porque há-de
ter sido muito triste o seu viver... —

Tenho saudade dêsse amanhecer
que ainda me ilumina a mocidade,
de tanto amor e tanta suavidade,
e até de muita jura de mulher,

e das bôcas vermelhas que os meus lábios
têm estudado com fervor de sábios...
Mas vê, Amor, o bem que me fizeste:

Pois se tenho saudade — e eu bem o sei! —
de tanto beijo, tanto, que te dei,
tenho ainda mais dos beijos que me deste...

Diario de Lisboa — 11 de Jane
1ª Pag — 4ª Col.

Maria

Gratiae plena.

HÁ neste nome tal suavidade
— tanta doçura, encanto e singeleza —
que só, em toda a língua portuguesa,
se pode comparar à da saudade!

Em Maria — sinónimo, a Bondade —
há um mixto de graça e de tristeza:
flor perdida em agreste natureza,
luar de neve e sol de eternidade...

Que poema êste nome em si encerra!
Maria foi a Virgem — nosso guia,
e padroeira desta linda terra...

Maria... rosa mística e sagrada!
— Minha mãezinha chama-se Maria,
e é Maria também a minha amada...

Pierrot e Columbina

CHORA-SE às vezes sem saber porquê,
e quanta vez sem causa não riremos!
— A vida é feita, assim, de dois extremos
cuja razão a gente não prevê.

Riso e dor: eis sòmente o que se vê.
E logo nós — que mal nos conhecemos —
na lágrima ou no riso, que entrevemos,
julgamos ver o que afinal não é...

Se a lágrima é às vezes gargalhada!
Se há, por vezes, num riso mascarada
a dor da Cruz e a mágoa do sol-pôsto!

Sorriso e dor... Pierrot e Columbina...
— Na lágrima e no riso se origina
o eterno Carnaval do nosso rosto...

O milagre das rosas

LEVANDO aos ombros o seu régio manto,
ia a rainha os pobres visitar,
e, bem oculto em si, ia levar
oiro, prazer e vida a cada canto.

O seu oiro enxugava todo o pranto
e levava a alegria a cada lar,
mas o rei, por milagre singular,
via rosas em vez dêsse oiro santo!

Tu és como a rainha... E os meus desejos
só terão fim ao receber os beijos
que os teus lábios ocultam como um ninho.

E assim, se acaso alguém te preguntar
o que escondes, tu dize sem corar :
— São rosas que eu vou dar... a um pobrezinho...

O mar e eu

O MAR é um poeta singular,
de inspiração apaixonada e triste:
— anda a contar a dor que em si existe,
e que ninguém já soube adivinhar.

No coração — decerto no alto mar —
oculta os ideais em que persiste:
É uma agonia, a que ninguém assiste,
e que êle eternamente anda a cantar...

A toda a gente conta a sua dor
e todos o parecem escutar:
o triste, o bom e ainda o pecador...

Mas quem o compreende emfim? Ninguém!
— E a mim, que sou uma gota ao pé do mar,
compreender-me há acaso alguém?

Comercio do Porto – 22 de Janeiro;
3ª Pag – 2ª Coluna

Redenção

AOS pés de Cristo, humilde e penitente,
chorava Madalena—a cortesã—
e a sua bôca, outrora tam louçã,
gemia agora uma oração fervente.

E aos olhos do Senhor, então, ardente,
como orvalho de límpida manhã,
assomou uma lágrima cristã
que foi caír aos pés da nova crente.

E aquela lágrima divina e triste
foi o perdão lançado por Jesus...
...E assim sucede a todo o ser que existe:

Basta um momento só de contrição
para poder mudar a sombra em luz,
— e dar ao triste o néctar do perdão!

Versos de amor

QUERO cantar, nos versos que te faço,
as tuas mãos de neve e de luar,
e a luz celestial do teu olhar
— estrêla desprendida lá do espaço...

Quero cantar — e vê êste embaraço —
a tua alma feita para amar;
quero cantar até o teu cantar
e o cândido pombal do teu regaço!

Cantar-te! Mas em versos onde houvesse
risos de luz e mágoas de sol-pôr:
Versos que fôssem como que uma prece...

Versos de amor... Raio de sol disperso...
— P'ra que te hei-de fazer versos de amor,
se tu, Amor, és mesmo já um verso?

Louco visionário

O MEU peito é um cárcere onde mora
um louco visionário : — o coração,
e o cérebro é o guarda da prisão
onde êsse alucinado ri e chora.

Pelas grades da cela olha p'ra fora
e o mundo vê com olhos de ilusão;
mas logo o carcereiro surge então
e lhe demonstra o êrro em que labora :

Onde êle — o pobre louco – via amor,
o guarda apenas vê tristeza e dor.
Para êle o mundo é um país de fadas;

para o guarda: — um abismo traiçoeiro!
— E o coração, ouvindo o carcereiro,
começa então a rir às gargalhadas...

Carmim

EU queria ser — vê lá, que idea a minha! —
um pedacito rubro de carmim;
e há muito que nasceu dentro de mim
esta ambição e dentro em mim se aninha!

«Que lembrança!» dirás. Não se adivinha
porque não hei-de preferir assim
ser rei ou estrêla ou ser ainda, emfim,
onda do mar ou pena de andorinha!

«Mas ser carmim! Que idea agora a tua!
Não achavas talvez mais natural
ser, em vez de carmim, pedras da rua?!»

Mas vê, Amor, quais são os meus desejos:
— Se eu queria ser carmim... era afinal
para poder estar sempre a dar-te beijos!

Luz que cega

DEUS! Quem o viu? Ninguém mesmo o conhece...
E Deus contudo está em cada canto:
— no riso das crianças e no pranto,
na esmola que se dá e que se esquece;

Na graça do luar, na muda prece
que o crente diz junto ao altar do santo,
nos beijos duma mãe, num meigo canto,
em toda a parte Deus nos aparece...

Deus está sempre em todo o Universo:
— Nas rosas, nas estrêlas e na arte,
e até talvez esteja neste verso

e até nos beijos que eu às vezes dê...
— Mas se Êle está assim em tanta parte,
porque será que a gente nunca o vê?

Eco e sombra

EU sinto em mim — e há muito a sinto já—
uma voz que me guia e me acompanha:
—escuto-a sem que saiba donde venha,
e sigo-a sem saber para onde irá...

Vejo também—e ignoro onde ela está—
uma luz redentora que me banha:
—é um farol dalguma terra estranha
que me indica o caminho para lá...

Luz ignota que sempre me guiais!
Voz que me aconselhais sòmente o Bem!
Já sei quem sois e donde derivais:

Consciência! Voz e Luz são nomes teus:
—Voz... és a sombra duma luz de Além,
e Luz... o eco talvez da voz de Deus!

Arte de amar

SE amar é fácil para um português,
porém é mais difícil ser amado...
Para te amarem segue com cuidado
estas lições — de D. Juan, talvez...

Não ames nesta vida uma só vez.
Antes de amar procura ser amado,
e sê sempre um amante apaixonado,
mas por um beijo... pede ao menos três.

Chega sempre atrasado à entrevista;
de quando em quando deverás faltar,
e mente sempre... — e acabas a conquista!

Nunca creias nas juras de mulher...
Conjuga em cada tempo o verbo «amar»,
e vê que o amor é como um malmequer!...

Meu coração

MEU coração é um braseiro ardente
ao qual eu deito as achas dêste amor,
e as labaredas são os ais de dor
que as pobres achas soltam tristemente.

Cada acha que aparece vem, contente,
dar mais luz ao brasido e mais calor,
mas em breve se extingue o seu fulgor
e fica reduzida a pó sòmente...

Porém logo a seguir mais outra vem:
Vive em ardências rubras de paixão,
e depois... e depois morre também!

Mas se o Amor deixar de ouvir meus ais,
que restará dessa fogueira então?
— A cinza da saudade... e nada mais!

O rebanho das ilusões

EU era então Pastor... Tinha um rebanho,
Todos os dias ia acompanhar
o meu rebanho ao pasto... E era tamanho
que levava horas e horas a passar!

Porém um dia um mal traidor e estranho
entrou no gado para o dizimar,
e desde então jamais o meu rebanho
voltou por êsses vales a pastar.

Uma por uma as minhas ilusões
fôram morrendo em doidas convulsões,
e assim fiquei Pastor sem ter rebanho...

Uma ilusão agora só me resta:
—A de que sou Poeta... E talvez esta
também sucumba ainda ao mal estranho!

Destino

QUEM pode porventura nos dizer
aquilo que amanhã sucederá,
pois se o Destino, como Deus o dá,
é uma oração que não sabemos ler?!

Por mais que a gente faça p'ra aprender
uma letra qualquer, sabemos já
que em nós eternamente existirá
a dor cruel de nada emfim saber!...

E que ganhava a gente, no entanto,
em saber que destino seguiria,
se a vida assim perdia todo o encanto!

— Destino mau, seria a eterna dor;
destino bom, ficava sem valia,
pois só nesta incerteza é que há valor...

Lenda de amor

A LUA foi outrora uma princesa
e o mar era o seu noivo bem amado:
Quantos beijos o mar lhe havia dado!
E a Lua então corava com tristeza...

Temia ver, talvez, aniquilado
o seu sonho de amor e de pureza;
mas logo o mar jurava com presteza
e ela então retribuía o beijo dado.

Porém um dia o sol — rival do mar —
separou para sempre os dois amantes:
Foi a princesa para o céu chorar...

E desde então o mar, em ânsia louca,
busca os lábios da Lua, onde êle dantes
tantas vezes pousara a sua bôca.

Eterna esperança

NO coração mais desolado e triste
há sempre uma aleluia de esperança,
que faz perder às vezes a lembrança
do sofrimento atroz que nêle existe.

E emquanto uma esperança em nós persiste
e nos indica o pôrto da bonança,
sentimos renascer a confiança
—como ao nauta que a terra, emfim, aviste...

Se até nos pecadores ela impera!
— E eu passo, pois, os dias sempre à espera
dessa hora-instante em que te vou beijar...

E na minha alma, emfim—tam pecadora! —
nasce agora a esperança redentora
de nunca mais deixar de assim pecar!

Elixir da vida

VIVER eternamente! Eis afinal
a aspiração dos corações humanos;
e quantos homens, há milhares de anos,
procuram alcançar êsse ideal!

Numa luta constante e desigual
com Deus e com a morte, êsses insanos
procuram desvendar os seus arcanos,
— e descobrir um elixir vital...

Não vêem que se a vida fôsse infinda,
seria eterno o mal e eterna ainda
a dor daqueles que não tenham sorte!

E assim, quando tivessem descoberto
êsse elixir da vida, então, decerto,
procurariam o elixir da morte...

Contradição

A TUA casa — ou antes, o teu ninho —
ergue-se além, no fundo dêste vale,
rodeada dum extenso pinheiral,
onde o vento recita, com carinho...

E foi ali, no extremo do caminho,
que tu quiseste erguer o teu pombal,
onde os beijos parecem, afinal,
meigas rôlas, de penas côr de arminho.

E quando vou descendo pela estrada,
mesmo de noite, eu vejo a madrugada
e o despontar da luz que Deus me deu.

Quanto mais desço o tal caminho infindo,
eu penso que, descendo, vou subindo
— e julgo estar mais próximo do céu...

Lágrimas

A LÁGRIMA que pela face rola
e junto aos nossos lábios vem pousar,
tem um sabor ardente e singular
que ao mesmo tempo amarga e nos consola!

O pranto é para nós divina esmola
— um bálsamo na dor e no pesar...
Feliz daquele que puder chorar
porque depressa a lágrima se evola!

Qual a dor mais profunda e mais sombria?
A do que sofre em íntima agonia,
ou a do que dilui a dor em pranto?

Triste o que sofre, mudo, o seu pesar,
sem ter lágrimas já para chorar
— triste o que chora, rindo-se entretanto...

Réstia de luz

O mar é a nossa alma.

QUANDO se põe um búzio ao nosso ouvido,
nós sentimos lá dentro a voz do mar,
ora rugindo, ardente e singular,
ora soltando um pálido gemido.

E aquele som, há tanto ali retido,
tem o condão de me fazer pensar
na voz que dentro em mim anda a cantar
a saudade talvez que tem sentido...

Dentro dum búzio — igual ao ser humano —
ecoa a voz imensa do oceano,
ora rugindo, ora a chorar contrito.

E assim dentro de nós se ouve cantar
a voz da alma, igual à voz do mar:
— dentro do nada a luz do infinito...

Dúvida

POBRE cego! Não pode ver a luz
nem o belo esplendor da natureza;
nem pode ver o sol quando reluz,
ora nos mares, ora na devesa.

Os seus olhos não vêem a beleza
nem a graça de tudo o que seduz;
mas ai! também não vêem a tristeza
que já bailou nos olhos de Jesus!

Mas quem é que mais triste nos assombra:
— É o ente que não pode ver a luz,
ou o que a vê, mas vê também a sombra?

....

Qual também será mais p'ra lastimar:
— O que conhece o amor e a sua cruz,
ou o que nunca soube o que era amar?

Luar de saudade

A SAUDADE é uma dádiva do céu
que ao mesmo tempo amarga e nos encanta;
ai! saudade, a saudade é como planta
cuja raiz nas almas se prendeu.

Em todo o coração que entristeceu
desponta sempre uma saudade santa,
como o doce luar que se levanta
quando o sol já de todo se escondeu.

E quantas almas a saudade invade,
se até no coração menos formoso
brilha às vezes um raio de saudade?!

Porque não há-de, pois, em mim brilhar?
— Do poço mais profundo e tenebroso
vê-se também a graça do luar...

Os dois mares

O MAR anda a correr constantemente
— talvez numa loucura que o consuma —
para depor na praia, uma por uma,
as expressões do seu amor ardente.

Vêem-se às vezes, ao luar silente,
como estrêlas perdidas entre a bruma,
pequenas gotas — lágrimas de espuma
que o mar talvez chorasse, como a gente...

Pensai: Se acaso cada gota de água
fôsse uma lágrima que o mar chorasse,
como seria grande a sua mágoa!

Mas se do mundo alguém fôsse juntar
as lágrimas, talvez então formasse
um mar muito maior que o próprio mar...

Verbo divino

PÁLIDA e triste agonizava a luz.
Lá ao longe, no cimo do Calvário,
via-se a cruz, e, nela, solitário,
o corpo ensangüentado de Jesus.

O seu olhar, que encanta e que seduz,
parecia abençoar o mundo vário;
e as lágrimas, unindo-se em rosário,
vinham cair depois junto da cruz...

Clamam agora os ímpios e os ateus:
— Soubesses tu o que era a Cruz, ó Deus,
e já não morrerias pela gente!

E as lágrimas de Cristo dizem:--Triste!
Pudesse assim salvar tudo o que existe,
e estaria na Cruz eternamente...

Última pena

A mim mesmo.

LÁ vem, lá vem a pena derradeira...
E Ícaro, erguendo o seu olhar magoado,
— aquele olhar que tinha ambicionado
a luz que nos inunda a vida inteira —

pensou talvez — quem sabe? — a vez primeira
nessas asas que tinha arquitectado,
e que um raio de sol inesperado
transformara em quimera passageira...

E Ícaro diz: «Foi louco o empreendimento!
Mas bendita a ilusão que se desfez,
se dela nasce algum ensinamento!»

E ao ver cair a pena derradeira,
êle sorri, sonhando já talvez
loucura ainda maior do que a primeira...

Epílogo

Cristais partidos

NOS áureos salões onde esvoaça
a alegria em vermelhas gargalhadas,
vêem-se pelo chão taças quebradas
— imagem do prazer que leve passa...

Depois de cada brinde vai a taça
acompanhar as outras desgraçadas,
p'ra que nenhumas bôcas desvairadas
possam jamais manchar a sua graça.

Fáçam o mesmo, pois, a estes versos:
Leiam-nos os que estão no bem imersos,
e os que odeiam o mal e a escuridão!

Depois, p'ra que ninguém os leia mais,
façam como lá fazem aos cristais:
— Rasguem-nos bem e atirem-nos ao chão...

Indice

DEPOSITÁRIOS

J. RODRIGUES & C.ª

186, R. DO OURO, 188 — LISBOA